

SANT'ANNA, Catarina. *Reflexões sobre as noções de “corpo expandido” e “teatro expandido”*. Salvador, Universidade Federal da Bahia; Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGAC; Profa Dra Associada 4; Proex-Capes.

RESUMO

Este artigo propõe discutir as noções de “corpo expandido” e de “teatro expandido”, (1) segundo as possibilidades semânticas do adjetivo “expandido”, e (2) segundo outras noções em jogo no âmbito da cultura digital, para (3) refletir sobre as implicações do uso de tecnologias pelo teatro através do tempo, e suas implicações no texto dramático que, por vezes, avança à revelia dos recursos disponíveis para a encenação e, outras vezes, se aproveita poeticamente das possibilidades de algum recurso tecnológico e o faz entrar em cena, enriquecendo a arte da encenação. Tais reflexões levam em conta (4) as experiências da denominada “dança telemática”, cujas iniciativas podem sugerir ao teatro um caminho não necessariamente parecido quanto ao uso das tecnologias digitais, devido o teatro contar com uma longa tradição dramática textual sempre atenta, zelosa e crítica face aos destinos do humano.

Palavras-chave: Corpo expandido. Teatro expandido. Dramaturgia. Dança “telemática”.

RÉSUMÉ

Cet article propose de discuter les notions de corps “dilaté” et de théâtre “dilaté”, (1) selon les possibilités sémantiques de l’adjectif “dilaté”, et (2) selon autres notions en jeu dans le cadre de la culture numérique, pour (3) réfléchir sur les enjeux de l’utilisation de technologies par le théâtre au fil des temps, et sur leurs enjeux dans le texte dramatique, qui parfois avance en liberté créative à rebours des moyens disponibles par la mise-en-scène, et d’autres fois même en se profitant poétiquement des possibilités d’un moyen technologique spécifique qui, de ce fait, entre en scène et enrichit l’art de la mise en scène. Ces réflexions prennent en compte les expériences de la dénommée “danse télématique”, dont les initiatives peuvent suggérer au théâtre un chemin pas nécessairement pareil concernant l’utilisation des technologies numériques, dû le théâtre compter sur une longue tradition dramatique textuelle toujours attentive, zélée et critique face aux destins de l’humain.

Mots-clés: Corps “dilaté”. Théâtre “dilaté”. Dramaturgie. Danse télématique.

Parece que o teatro não resistiu à sedução do uso dos aparatos da tecnologia digital em cena. A arte do “convívio” abriu-se ao “tecnívio” – termos de Jorge Dubatti (DUBATTI, 2011, p. 12-37)-, “expandiu-se”, ampliou-se, dilatou-se, emancipou-se (seriam sinônimos ?), envolvendo não somente o espaço, o

tempo, o espectador, mas notadamente o corpo do ator, a exemplo do que ocorre na “dança telemática”. Esse fenômeno reflete a própria imersão das sociedades no seio da “cultura digital”, implicando uma “realidade expandida” cujo horizonte não somente tecnológico, mas também científico constitui o advento do “pós-humano”, a redefinição do que se entende por “humanidade”. Não sendo o uso de tecnologias uma novidade no teatro, chama a atenção, porém, a natureza dos efeitos radicais da transposição do material físico em “virtual”, por um processamento de imagens graças aos computadores que tratam o corpo como mero suporte para desconstruções e reconstruções de imagens que ganham vida independente, imaterial e podem assim ser livremente manipuladas por outros meios, reconfiguradas e retransmitidas, e recolocadas em cena, já numa “interação” unilateral que submete o corpo físico do ator às dinâmicas espaço-temporais impessoalizadas dessas existências maquínicas. Diferentemente das tecnologias analógicas, que sempre foram exploradas ao longo da história do teatro como apetrechos de efeitos previsíveis, estáveis, dóceis tanto à escrita dramaturgica, quanto à escrita cênica e ao domínio enfim do jogo dos atores e do pessoal técnico de teatro, bem como dentro das margens habituais de relações com o espectador.

Os efeitos das “novas tecnologias” escapam, todavia, ao nicho dos já conhecidos “efeitos especiais”, em virtude das mutações que operam agora na própria constituição da percepção (do espaço, do tempo, do próprio corpo...), das emoções, da relação entre agentes em cena e espectadores, e entre os próprios atores em cena, ou entre os membros da equipe técnica do espetáculo, todos agora expostos a novas dinâmicas de trabalho e a novas funções, e instados a recorrer a profissionais especializados dos meios digitais antes e até mesmo durante as apresentações, pois a cena pode hibridizar real e virtual, biológico e tecnológico, corpos físicos e virtuais, presença e ausência, sincronizar diante do espectador cenas ocorrendo simultaneamente em diferentes espaços do globo, dissociar corpo e voz, disseminar/desdobrar/duplicar o corpo ou partes do corpo no espaço e dilatar ou acelerar seus movimentos, e impor-lhe o desafio de contracenar com imagens virtuais geradas a partir de si mesmo enquanto suporte, o obriga o artista a improvisar e a adequar sua performance à performance das imagens virtuais. Ou, em outras circunstâncias, tecnologicamente talvez mais modestas, a improvisar em face do uso compartilhado de aparatos da mídia digital entre atores e público - caso da “dramaturgia em tempo real”, ou “teatro expandido” de Os Satyros (FENTI, 2013, p. 1-2).

Mas o que quer dizer o termo “expandido”, no centro da proposta do VIII Congresso da ABRACE? Ora, uma expansão supõe algum tipo de limitação original, de redução/restrição a certas condições, limites/fronteiras, encerramento num espaço/tempo, num volume, numa qualidade, num tipo de relação/interação consigo, com o outro, com o meio-ambiente. O corpo humano, altamente frágil e perecível, sempre tentou formas de superação dos limites de sua condição, fosse por vias científicas (aperfeiçoamentos, próteses, domínio da natureza), por vias sociais (juntar-se a outros corpos, administrar espaço e tempo, e/ou afrontar outrem em combates pela sobrevivência), por vias artísticas e místicas (ampliação simbólica do prazo de validade físico-material, invenção/intuição/desejo de um suplemento existencial

e dotado de imponderável imortalidade denominado “alma”; e/ou aguçamento dos sentidos e da percepção para captar realidades que escapam à pura racionalidade, num processo constante de reencantamento do mundo). Em suma, a “expansão” do corpo e do real constituem um anseio originário, primordial do “humano”, que, em princípio, é o único ser consciente de sua própria finitude e criador de meios para dribá-la, pela ciência, pela arte, pela política, pela religião.

Vale ressaltar, todavia, que a “hipótese de um estado pós-humano”, e de um “desvanecimento do corpo”, cujos sinais estariam associados ao “deslocamento e ao desvanecimento das fronteiras”/limites habituais para construir “uma identidade distintiva do humano”, tornando obsoletas as dualidades corpo/mente, orgânico/mecânico, homem/máquina, vida/morte, e as distinção vertical homemXdivino e homemXanimal-animalidade, ou horizontal homemXinanimado, tudo isto tornaria difícil distinguir agora o que seria o “homem”, segundo as reflexões de Miguel Leal (LEAL, 2002, p. 1). O autor evoca Catherine Hayles, para explicar o desvanecimento do corpo, em virtude da matematização crescente da realidade expressa com sua redução ao zero-um da computação, tornando a informação sem corpo e podendo assim fazê-la “circular inalterada entre diferentes substratos materiais”; “ação numerizante niveladora e neutral e indiferente às mutações deformantes da realidade”, mapeando “indistintamente coisas, animais ou vegetais” e pondo em jogo a privatização de nosso código genético (LEAL, 2002, p. 2). O que estaria em jogo, segundo o autor? O perigo de um “totalitarismo técnico-científico”, que exige uma “política do corpo”, uma “repolitização do corpo”, para “desfatalizar” a tecnologia que “parece impor um modelo evolutivo (dissolutivo) para o corpo”.

Já Peyret vai no sentido de “um teatro de alerta”, inspirado em Brecht, quando questiona “a passagem de uma versão épica da ciência (sinônimo de progresso, de bem estar e de emancipação da humanidade) à visão trágica, que Hiroshima inaugura” (PEYRET; BANU, 2012, p. 56), afirmando que “os cientistas não se contentam em interpretar, em conhecer o mundo, a natureza, o real”, mas também querem transformar, “experimentar além, para o melhor ou o pior”: “A revolução digital sem dúvida desordenará nossas maneiras de pensar e sentir (...) eu sei que não há nela nada de anódino ou de inocente e que o destino da espécie humana está seriamente em jogo.” (idem, p.58).

Conclusão: o teatro não somente está inserido na “cultura digital”, mas, antes de tudo, banha na “cultura geral” e mais ampliada de uma população. Aqui devemos lembrar que o brasileiro saltou rapidamente da cultura da oralidade (a escola pública nasce em 1905) para a cultura da imagem via televisão, sem passar pela cultura do texto/ “letrada”. Quando a TV chega ao país em 1951-53, encontra mais de 60% da população ainda analfabeta. O vídeo-tape chega logo na virada dessa década e a informática já se torna acessível logo vinte anos depois, seguida pelo advento da internet e dos telefones celulares já em 1995. Em junho de 2013, por exemplo, a ANATEL divulgou um número de 276 milhões de telefones celulares para um total de 210 milhões de habitantes. Em suma, em menos de um século, vai-se do analfabetismo ao uso altamente disseminado de tecnologias digitais. Será que esse percurso, no mínimo atropelado, em termos de formação intelectual e artística e de educação em

geral autoriza confiarmos no uso crítico e artístico das tecnologias digitais hoje disponíveis? Será que o termo “expansão”, na expressão “experiência expandida”, significaria entre nós “emancipação” - artística, biológica, política, econômica, cultural, cidadã ? Fica a provocação.

Referências

BARDIOT, Clarisse. Evenings, theatre & engineering. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. p. 43-53.

BARDIOT, Clarisse. Maquinações teatrais contemporâneas. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P. 101-114.

BAUCHARD, Franck. Création théâtrale et techonologie numérique. In: *Séminaire-Colloque Interdisciplinarité des arts numériques – Théâtre et spectacle vivant, recherche musicale, littérature et génération de textes, arts visuels*. Université Paris 8, 13 novembre 1998. EdNM/Ciren. P. 1-5.

CAVALCANTI, Diego Rocha Medeiros. O surgimento do conceito de “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. In: *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. Nº 9, set./2005. p. 53-60. Disponível em www.cchla.ufpb.br/caos . Lido em 14/09/2014.

DUBATTI, Jorge. Teatro, convívio e tecnovívio. In: André Luiz Antunes Netto Carreira; Armindo Jorge de Carvalho Bião; Walter Lima Torres Neto (org.) *Da Cena contemporânea*. Porto Alegre: Abrace, 2011. 222 p. P. 12-37.

FENTI, Daniela. Workshop evidencia “dramaturgia em tempo real”. Diário Web, Teatro. O Teatro Além do Teatro. São José do Rio Preto, 28/05/2013. Disponível em: www.diarioweb.com.br/novoportal/divirta-se/Teatro/137073 . Lido em 19/06/2014.

FÉRAL, Josette. Um corpo no espaço: percepção e projeção. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P. 129-148.

FERNANDES, Michel. Transexuais, “teatro expandido” e “teatros do real” em “Hipóteses para o Amor e a Verdade” n’Os Satyros”. Disponível em: www.aplausobrasil.com.br/2010/05/01/transexuais-teatro-expandido-e-teatros-do-real-em-hipoteses-para-o0amor-... Lido em 19/06/2014. 12 p.

FORNACIARI, Christina. Cidade em transe, corpo em trânsito. In: André Luiz Antunes Netto Carreira; Armindo Jorge de Carvalho Bião; Walter Lima Torres Neto (org.) *Da Cena contemporânea*. Porto Alegre: Abrace, 2011. 222 p. P.188-195.

LEAL, Miguel. O campo expandido do corpo. Publicado originalmente in: "Arquitetura – Prótese do corpo", FAUP/Hangar, Porto, 2002. Disponível em: www.virose.pt/vector/b_01/leal.html . Lido em 19/06/2014.

PINZON, Jaqueline. Mídias digitais na cena de Isadora. Orb - A metáfora final e a Um certo ponto da vida você deveria considerar seriamente de deixar de bancar o ridículo. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. p.71-83.

PEYRET, Jean-François. Da Ciência e da arte. In: RAMOS, Luiz Fernando (org.). *Arte e Ciência: abismo de rosas*. São Paulo: Abrace, 2012. 258 p. P. 19-40.

PEYRET, Jean-François e BANU, Georges. Um teatro em estado de alerta. In: RAMOS, Luiz Fernando (org.). *Arte e Ciência: abismo de rosas*. São Paulo : Abrace, 2012. 258 p. P. 41-59.

PITOZZI, Enrico. Corposgráficos. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P 19-41.

ROSETTE, Nicolas; CASTRO, Christophe. Théâtre: est-ce que le numérique change quelque chose? Disponível em: www.inriality.fr/culture-loisirs/theatre/spectacle-vivant/theatre-est-ce-que/ Lido em 23/06/2014.

SANTAELLA, Lúcia. A relevância da arte-ciência na contemporaneidade. RAMOS, Luiz Fernando (org.). *Arte e Ciência: abismo de rosas*. São Paulo : Abrace, 2012. 258 p. P. 61-76.

SANTANA, Ivani. Configurações da dança na cultura digital: relatos sobre experimentações e reflexões da dança com mediação tecnológica. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P. 55-69.

SANTANA, Ivani. Corpo-dança expandido pelos “tempos” do ciberespaço-novas dramaturgia. Disponível em: www.printfriendly.com/print/?redirect=http%3A%2F%2Frevistazcultural.pacc.ufrj.br%2Fcorpo-danca-exp... Lido em 19/06/2014. 9 p.

TORRES NETO, Walter Lima. O direito ao teatro. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade*. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P. 261-272.

VALERO, Julie. *RE: Walden* de Jean-François Peyret: da cabana à máquina. In: Antonia Pereira; Marta Isaacsson; Walter Lima Torres (org.). *Cena, corpo e*

dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade. Rio de Janeiro, Pão e Rosas, 2012. 304 p. P. 115-125.

Verbetes “expansion” e “expansé”. In: CNRTL-Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em www.cnrtl.fr/lexicographie/expansion
Lido em 14/09/2014.

SANTOS, Adairson Alves dos Santos. Conceito de saúde: perspectiva histórica. Disponível em www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n-link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10598 . Lido em 14/09/2014.